



INDISCIPLINA ESCOLAR: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS CAUSAS

Claudia Maria Bezerra da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB Campus Guarabira.
claudiambezerra@yahoo.com.br

Resumo: O fenômeno da indisciplina não é uma realidade escolar recente, visto que é queixa de educadores há várias décadas. Configura-se como algo complexo, tendo vários significados e explicações. É atribuída à falta de limites, ao descumprimento de regras e normas, à busca pela autonomia, além da incapacidade em reconhecer no professor uma figura de autoridade. Diante disso, tem sido vista como um obstáculo em sala de aula, sendo importante analisar as causas que levam ao desencadeamento de um comportamento indisciplinado, para buscar soluções de minimizar e ter um processo de construção do conhecimento mais satisfatório. Devido aos vários significados e a complexidade do tema, ele foi investigado de forma a refletir e considerar os diferentes pontos de vista e estudos e pudemos perceber que, apesar de ser comum na busca pelas causas da indisciplina, atribuir como culpado apenas o aluno, ela também pode ser causada pela família e pelo professor.
Palavras-chave: Indisciplina, Causas da Indisciplina, Família, Escola.

Introdução

A questão da indisciplina atualmente vem atingindo índices críticos, a ponto de ter deixado de ser um assunto interno da sala de aula para tornar-se tema de estudos e discussões entre professores. O fato é que a indisciplina se tornou um grave e generalizado obstáculo que põe em risco o desenvolvimento de um bom processo de ensino-aprendizagem.

A ideia que geralmente se tem de indisciplina é de comportamentos que bem podem ir do falar quando não solicitado até extremo de condutas de natureza violenta, como agredir fisicamente um colega. O fato é que esses acontecimentos, cotidianos no cenário escolar, estão mobilizando educadores, pais, psicólogos e psicopedagogos, visto que constituem mais um obstáculo ao processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, um dos conceitos que Antunes (2002, p.9) apresenta para uma classe indisciplinada seria aquela que: “Não permita aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno”.

Desenvolvemos essa pesquisa bibliográfica com objetivo de abordar o significado da indisciplina, analisando suas causas e identificando não apenas o aluno, mas também o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

professor e a família como possíveis responsáveis por comportamentos indisciplinados.

Metodologia

Para elaboração dessa monografia, foi feita uma pesquisa teórica, consultando-se livros que abordam o tema, visto que estes possibilitam o conhecimento sobre o assunto e oferecem subsídios para a análise das causas da indisciplina.

Resultados e Discussão

De acordo com Freller (2001, p.132), os comportamentos tidos como indisciplinados pelos professores são: “(...) conversar, mexer-se, falar palavrão, ser agressivo, não usar o uniforme, não trazer material, não ter interesse ou compromisso, não ter respeito, não ter educação, responder ao professor, ser agitado, hiperativo, não sentar, não se concentrar, brigar.”

Percebemos, com isso, que, com atos de indisciplina, os alunos podem não oferecer condições para que o professor estimule habilidades operatórias, desenvolva esquemas de aprendizagem significativa, “acorde” potencialidades e construa conhecimentos. Estas são necessidades tão presentes no ensino, que, quando faltam, a qualidade na educação fica comprometida.

Esses eventos de indisciplina e, em alguns casos, de violência que o espaço escolar vivencia nos espanta a cada dia, a cada episódio que temos conhecimento. E vai se configurando como um quadro familiar na sala de aula. Aquino (1996, p. 40) explica que: “A visão, hoje quase romanceada, da escola como lugar de florescimento das potencialidades humanas parece ter sido substituída, às vezes, pela imagem de um campo de pequenas batalhas civis; pequenas, mas visíveis o suficiente para incomodar”.

A indisciplina vem-se configurando como grande inimiga do educador, principalmente por não ser um comportamento que tem como causa estritamente o meio escolar. Como afirma Vasconcellos (2000), a questão da indisciplina é algo bastante complexo, uma vez que um grande número de variáveis a influenciam.

Trata-se de um entrelaçamento entre as instituições que estão relacionadas de forma ampla à educação da criança, que são a família e a escola.

A educação familiar e a forma como a questão dos limites está sendo tratada tem grande influência no comportamento dos filhos em sala de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aula. Na escola, por sua vez, a forma como o professor desenvolve sua metodologia, a relação professor-aluno, o modo como as regras são impostas, além de várias outras questões relacionadas ao contexto, também podem desencadear a indisciplina. Não podemos esquecer das particularidades dos próprios alunos. Portanto, apesar da complexidade de influências na questão, a verdade é que há um consenso sobre o fato de que sem disciplina não se pode fazer nenhum trabalho pedagógico significativo.

Na tentativa de buscar explicações para tal manifestação, Rego (1996) afirma que alguns educadores acabam associando a indisciplina aos traços de personalidade de cada aluno. Segundo a autora, surgem depoimentos do tipo: “Fulano é terrível, não tem jeito! Sicrano nasceu rebelde, o que eu posso fazer?” (p. 89).

Desse modo, os relatos equivocados de alguns educadores apontam como causa da indisciplina particularidades pertencentes ao aluno. Assim, características individuais são definidas por fatores endógenos, em que os traços comportamentais de cada aluno não poderão ser modificados por já estarem definidos desde o nascimento.

Entretanto, segundo a autora (op. Cit., p. 96):

(...) é possível afirmar que um comportamento mais ou menos indisciplinado de um determinado indivíduo dependerá de suas experiências, de sua história educativa, que, por sua vez, sempre terá relações com as características do grupo social e da época histórica em que se insere.

Assim sendo, relacionar a indisciplina a fatores inerentes a características de personalidade de cada aluno é um grande equívoco, visto que ninguém “nasce rebelde ou indisciplinado”. É importante frisar que a multiplicidade de influências que recaem sobre a criança é que irá acarretar um comportamento indisciplinado. Analisaremos o aluno, a família e o professor como influenciadores da indisciplina, provocando obstáculos ao processo de aprendizagem escolar.

O Aluno Como Causa da Indisciplina

Segundo Tiba (1996), vários fatores podem fazer com que o aluno tenha comportamentos indisciplinados. Um fator desencadeador é a falta de interesse dos alunos pelos estudos. Para o autor,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Atualmente, a maior dificuldade encontrada para estudar é a falta de motivação – estudar para quê? Para passar de ano? Para ganhar presente? Para ter sabedoria? Para os meus pais não ‘pegarem no pé’? Entretanto, quando estão interessados em algum assunto em particular (computador, música, esporte, coleções, etc.), são as pessoas mais animadas, empreendedoras e... disciplinadas. (p.119)

O autor acerta quando defende que os alunos desmotivados não compreendem a importância da escola e quando estudam é apenas o suficiente para passar de ano, com conhecimentos, muitas vezes, descartáveis após a prova. Alunos desmotivados não se dedicam às atividades de sala de aula para, assim, sobrar-lhes tempo para bagunçar, brincar, brigar... fazendo com que o significado do ensino seja diluído. Para que a aprendizagem possa ocorrer de forma satisfatória, é necessário que o aluno esteja motivado e compreenda os objetivos dos conteúdos que estão sendo trabalhados. Ele deve sentir prazer em frequentar o espaço escolar, além de estar sempre em busca de mais conhecimentos.

Para Freller (2001), a indisciplina também surge como reação à desordem no espaço escolar. A autora cita que:

O abandono da escola, a falta de professores, de material, de verba, de ânimo, de organização, de limpeza etc. são citados com frequência como causas de indisciplina escolar. Grande parte dos alunos se sente “jogado”, “largado”, “abandonado” e imerso num mecanismo perverso e caótico que oscila entre opressão e negligência. (p.71)

Portanto, os alunos sentem a necessidade de serem tratados com respeito, com práticas escolares humanizadas, uma escola limpa e com estrutura docente e material adequado. Na falta disso, o comportamento indisciplinado surge para reivindicar melhores condições.

Outra questão que faz os alunos se comportarem de forma indisciplinada é o fato de não obedecerem às regras e normas existentes na escola, necessárias para orientar o funcionamento e a convivência entre os diferentes elementos. Sobre esse aspecto, Rego (1996, p.85) aponta como indisciplinado aquele que “(...) se rebela, que não acata e não se submete, nem tampouco se acomoda, e, agindo assim, provoca rupturas e questionamentos.”

É importante salientar que, nesse caso a disciplina não é compreendida como mecanismo de repressão e controle, com regras e normas estabelecidas de forma autoritária, mas como um conjunto de parâmetros (elaborados conjuntamente e democraticamente entre alunos, professores, diretor e pais) que devem ser internalizados por todos e obedecidos no contexto educativo, visando a uma convivência e produção escolar de melhor qualidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nessa ótica, quebrar os parâmetros previamente estabelecidos de maneira democrática, faz a indisciplina ser vista como uma atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados, de intransigência, do não cumprimento de regras capazes de pautar a conduta de um indivíduo ou grupo.

A Família Como Causa da Indisciplina

Vista como primeiro contexto de socialização, a família exerce grande influência sobre a criança. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e mais tarde podem ser vistas pelos comportamentos da criança na escola. Sob esse ponto de vista, Rego (1996, p.97) afirma:

(...) Moreno e Cubero (1995) identificam na literatura especializada três estilos de práticas educacionais paternas (principalmente no que se refere à forma de lidar com a disciplina), predominante na maior parte das famílias e suas influências sobre o comportamento das crianças.

O primeiro estilo, denominado “pais autoritários”, eles são extremamente rígidos, controladores e restritivos quanto ao nível de exigência dos seus filhos. Eles valorizam a obediência a normas (por eles definidas), não se preocupam em explicar aos filhos os motivos das imposições e fazem uso de ameaças e castigos físicos. Esse tipo de educação implica a formação de crianças obedientes, organizadas, tímidas, apreensivas e com baixa autonomia e autoestima.

Em contrapartida, “pais democráticos” são os que parecem conseguir um maior equilíbrio entre a necessidade de controlar e dirigir as ações infantis, o afeto e o diálogo, estabelecendo acordos. Sabem exigir dos filhos amadurecimento e independência, além de respeitar as capacidades, necessidades e sentimentos dos filhos. São pais que apresentam níveis altos de comunicação e afetividade e, normalmente, estimulam as crianças para que possam emitir suas opiniões sobre determinados aspectos que as afetam. Conseguem estabelecer regras e limites claros, que são mantidos de forma consciente. São crianças que apresentam significativo autocontrole, capacidade de iniciativa, autonomia e facilidade nos relacionamentos. Demonstram que os valores morais presentes em sua família foram interiorizados. Por isso, quando assumem determinadas posturas, é com base em seus valores e não por medo de sanções externas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Os “pais permissivos”, por sua vez, têm condutas que valorizam o diálogo e o afeto. Apresentam grande dificuldade em estabelecer regras e normas, além de terem dificuldade para conseguir estabelecer algum tipo de controle sobre os filhos. Costumam ser tolerantes aos desejos e impulsos infantis. Como consequência dessa educação, os filhos – apesar de mais alegres e dispostos do que as crianças que recebem educação autoritária – apresentam comportamentos impulsivos e imaturos, assim como dificuldades em assumir responsabilidades.

Percebemos que é grande a influência da família na educação dos filhos, apesar de em alguns momentos esse papel não ser reconhecido e assumido. A relação família-escola mudou muito, e hoje as famílias depositam suas funções e delegam suas responsabilidades à escola. Como consequência, cada vez mais os alunos vão à escola com menos limites trabalhados pela família.

Sobre a necessidade de se estabelecer limites, Zagury (2000, p.17) conclui:

É necessário que a criança interiorize a ideia de que poderá fazer muitas, milhares, a maioria das coisas que deseja – mas nem tudo e nem sempre. Essa diferença pode parecer sutil, mas é fundamental. Entre satisfazer o próprio desejo e pensar no direito do outro, muitos tendem a preferir satisfazer o próprio desejo, ainda que, por vezes, prejudique alguém.

Portanto, é impossível negar a importância da família sobre o sujeito. Desse modo, ela deve impor os limites, mostrando-lhe o que pode e o que não pode ser feito, negociando regras e estabelecendo um diálogo aberto e franco para a imposição e manutenção das normas.

Entretanto, o ambiente familiar influencia e educa, mas essa educação não é decisiva e irreversível.

Rego (1996, p.98) explica que:

Os traços que caracterizarão a criança e o jovem ao longo de seu desenvolvimento não dependerão exclusivamente das experiências vividas no interior da família, mas das inúmeras aprendizagens que o indivíduo realizará em diferentes contextos socializadores, como a escola. Sendo assim, uma relação entre professores e alunos baseada no controle excessivo, na ameaça e na punição, ou na tolerância permissiva ou espontaneísta, também provocará reações e uma dinâmica bastante diferente daquela inspirada em princípios democráticos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Podemos perceber que a postura pedagógica adotada em sala de aula por muitos professores pode despertar muitos casos de indisciplina que acabam prejudicando o próprio trabalho de ensino.

Como exemplo, o professor, assim como a família, deve trabalhar a questão dos limites, deixando claro para seus alunos o que pode e o que não pode ser feito em sala de aula. Para Antunes (2002, p.25): “Ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não ensina e não educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”.

Com isso, ratifica-se que os limites devem ser estabelecidos, sendo claros e lúcidos, pois é preciso que os alunos saibam que na escola (e na vida, em casa, na escola, no trabalho...) existem regras que devem ser seguidas. O professor deve ser firme para estabelecer e cobrá-las, mas não implica dizer que seja autoritário. Uma boa conversa, onde o professor coloca o que pretende, mas também acolhe as sugestões dos alunos, é um bom caminho para que as regras sejam respeitadas, além de manter a uniformidade das ações, definindo o que são regras e em que contexto se aplicam, de forma a não quebrá-las.

Aliás, o professor deve saber a dose certa entre ser autoridade, respeitado pelos alunos e ser autoritário, deixando nos alunos verdadeiro pavor do professor. Acerca da postura autoritária, enfatiza Vasconcellos (2000, p.30):

A postura pedagógica, neste caso, transforma-se numa guerra, com os seus participantes (professor e alunos) desenvolvendo um ódio surdo e paralisante que, por debaixo da falsa harmonia e do respeito formal, destrói o relacionamento e compromisso educacional.

Os professores, aproveitando-se da posição que ocupam, se excedem em rigidez, adotando uma postura autoritária. Esse autoritarismo manifesta-se de várias formas, entre elas: quando o professor não permite que o aluno se expresse; quando exige silêncio absoluto, inclusive mobilidade; quando apresenta uma postura fria e indiferente, revelando um baixo nível de afetividade pela turma. Com atitudes como essas, o professor impede a interação tão necessária ao processo de aprendizagem e instala no aluno sentimento de medo e revolta.

Mas isso não significa que ele deva ser permissivo com os alunos. Esses dois opostos, “professor autoritário” e “professor permissivo”, devem ser evitados. É preciso buscar um equilíbrio, sendo possível ter um papel ativo e enérgico sem ser autoritário. Por outro lado,

para se manter a ordem na sala não se pode ser permissivo.

A relação fica mais fácil quando os alunos percebem que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

existe coerência nas ações, que não buscam privilégios para si ou para alguns alunos em detrimento de outros, tendo uniformidade nas ações e tratamento dos alunos, e que as cobranças se pautam em princípios de reciprocidade. Com isso, em prática, não precisa postura autoritária.

A metodologia utilizada pelo professor nas aulas também merece ser enfatizada. Quando a didática do professor é considerada maçante, os alunos não se interessam pela aula. Sobre essa questão, Antunes (op. cit. p. 25) observa: “(...) se a aula á apenas um discurso mal posicionado, nada contextualizado, a indisciplina é inevitável.”

Cabe ao professor refletir sobre suas próprias atitudes, de forma a cuidar da dinâmica de sala de aula, pois de acordo com Vasconcellos (2000), o professor é um agente privilegiado para mudança da indisciplina, por estar em contato direto com os alunos, além de ser um dos mais interessados em resolver esse problema.

Conclusões

O comportamento indisciplinado não é recente no universo escolar, afetando escolas públicas e privadas, que encontram nas brigas, conversas, desrespeito e algazarras dos alunos grandes empecilhos para a educação. Traz, inclusive, a substituição do papel da escola, que deixa de ser um local para construção de conhecimentos para se tornar um espaço disciplinador.

A indisciplina pode ser vista como resposta a práticas educacionais conservadoras e também à carência do aluno – anteriormente não construída pela família – em reconhecer o professor como uma figura de autoridade que deve ser respeitada. Com isso, fica evidente que para se analisar a indisciplina escolar é necessário levar em conta não apenas como proveniente do aluno, mas também como influência da família e da prática do professor no desencadeamento desse comportamento. Percebemos que, quando o aluno está desmotivado, ele não reconhece a importância da escola, dedicando seu tempo em sala a comportamentos tidos como indisciplinados. Essa falta de motivação pode ocorrer devido às condições precárias da escola, sendo uma forma de denúncia. Também pode ocorrer pela incapacidade do aluno em obedecer a regras e normas, sendo uma intolerância dele em atender aos acordos firmados ou pela falta de limites ensinados pela família e pelo professor.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Parece-nos oportuno, ao final desta pesquisa, afirmar que toda a dinâmica do contexto escolar e social influencia no comportamento dos alunos em sala de aula.

A valorização dos alunos – a fim de estimular o sentimento de pertencimento àquele ambiente – e o estímulo ao respeito, ao diálogo entre todos os atores do ambiente escolar são peças importantes no processo de mudança de uma sala da condição de indisciplinada, para a de, pelo menos, um pouco disciplinada.

Referências

ANTUNES, Celso. **Professor Bonzinho=Aluno Difícil: a questão da indisciplina em sala de aula**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

AQUINO, Júlio Groppa. A Desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Summus, 1996 – (Na escola).

FRELLER, Cintia Copit. **História da Indisciplina Escolar: O trabalho de um psicólogo numa perspectiva winnicottiana**. 1.^a Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

REGO, Teresa Cristina R. A Indisciplina e o Processo Educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora Summus, 1996 – (Na escola).

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 1.^aed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 11.^aed. São Paulo: Editora Libertad, 2000.

ZAGURY, Tania. **Limites sem trauma**. 8.^aed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.